

ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES EM JUAZEIRO-BA¹


TEACHING SOCIOLOGY IN TECHNICAL HIGH SCHOOL: PERSPECTIVES OF STUDENTS IN JUAZEIRO-BA

Recebido em: 04/10/2023

Reenviado em: 03/02/2024

Aceito em: 20/03/2024

Publicado em: 27/04/2024

Rosicleide Araújo de Melo² 

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a percepção a respeito da disciplina de sociologia e suas perspectivas de uma formação na área de ciências sociais a partir de uma pesquisa sobre o perfil do estudante de sociologia do Instituto Federal da Bahia, na cidade de Juazeiro. Trata-se de um estudo localizado a fim de contribuir com um dado para a identificação do impacto da acelerada precarização e desvalorização da formação e ensino de ciências humanas, no Brasil, em geral. Para tal, foi realizada uma pesquisa com os estudantes da disciplina no ensino médio da instituição através de questionário aplicado pelo google forms. Após isso, analisou-se os dados da pesquisa, o perfil socioeconômico dos alunos do Instituto Federal da Bahia de Juazeiro e suas compreensões a respeito do papel das ciências sociais para a formação cidadã e crítica dos sujeitos sob o prisma do contexto do capitalismo brasileiro. Como resultados, identificou-se que os jovens apesar de gostarem e acharem importante a disciplina de sociologia na formação do ensino médio, não veem uma formação na área como uma possibilidade para o futuro, o que de certa forma corrobora o pouco espaço que esta ocupa no currículo das escolas de ensino médio.

Palavras-chave: Juventude; Ensino Médio; Precarização.

Abstract: This article aims to analyze the perception regarding the discipline of sociology and its prospects for training in the area of social sciences based on research on the profile of sociology students at the Federal Institute of Bahia, in the city of Juazeiro. This is a localized study in order to contribute data to identify the impact of the accelerated precariousness and devaluation of training and teaching in human sciences, in Brazil, in general. To this end, a survey was carried out with students of the subject in the institution's high school through a questionnaire administered via Google Forms. After this, the research data, the socioeconomic profile of the students at the Federal Institute of Bahia de Juazeiro and their understandings regarding the role of social sciences for the citizenship and critical formation of subjects were analyzed from the perspective of the context of Brazilian capitalism. As a result, it was identified that young people, despite liking and finding the subject of sociology important in high school education, do not see training in the area as a possibility for the future, which in a way corroborates the little space it occupies. in the secondary school curriculum.

Keyword: Youth; High School; Precariousness.

INTRODUÇÃO

Na história do Brasil, a sociologia nasce como uma disciplina elitizada, estando presente, até a primeira metade do século XX, apenas nos cursos complementares de formação dos filhos das classes dominantes, preparativo do seu ingresso no ensino superior (GUELF, 1998).

¹ Este trabalho é resultado de pesquisa realizada durante as atividades do Programa Institucional de bolsa de iniciação à docência- PIBID Sociologia e contou com o auxílio dos bolsistas do Programa na aplicação dos questionários, bem como contou com o auxílio financeiro da Capes.

² Docente do Colegiado de Ciências Sociais da Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: rosicleide.melo@univasf.edu.br

2001), enquanto, no mesmo período, era preconizado o ensino profissionalizante da classe trabalhadora (FREITAG, 1980). Além disso, o ensino técnico nesse período não servia para o ingresso nas universidades, algo que só mudou em 1961, com a primeira lei de Diretrizes e bases da educação (LDB). Essa tendência de profissionalização se intensificou na década de 1970, com a política educacional da ditadura militar de formação técnica para formar mão de obra qualificada a fim de impulsionar a indústria brasileira no sentido dos interesses externos.

É importante lembrar que o ensino de sociologia, naquele momento histórico, fora substituído pelas disciplinas de educação moral e cívica e organização social e política do Brasil (SILVA, 2007). Isso só viria a mudar em 1982, como parte do lento processo de abertura política do país, ainda que a volta da sociologia ao currículo fosse algo bastante pontual, àquela altura. Na década de 1990, a sociologia passa a compor o currículo da educação profissional e técnica (EPT). Com a liderança da iniciativa privada, a EPT vai dando lugar a cursos técnicos de nível superior (MOURA, 2007; MARTINS, 2000).

Paradoxalmente, o ensino de sociologia continuava fora do currículo escolar comum. Algo que só mudará em 2008, com a mudança dos centros de educação tecnológica e escolas agrotécnicas federais (CEFET's) para os atuais Institutos Federais, os IF's, devendo estar presente o ensino de sociologia em todos os anos do ensino médio técnico, assim como no regular e integrado. Mas este processo não é uniforme e o ensino médio passa por diversos percalços que não cabe discutir aqui, mas que estão ricamente detalhados em outros artigos (MORAES, 2003; OLIVEIRA, 2013; GUERINO & NUNES, 2015; TRÓPIA, 2019).

É inegável que o aspecto definidor a partir do qual os alunos baseiam suas escolhas e afinidades quanto à disciplina de sociologia, é a importância que as disciplinas podem representar como elemento facilitador para a inserção no mercado de trabalho (BRUNETTA & AMARAL, 2017). A partir da percepção que nossos jovens estudantes demonstram em relação à educação como fomentadora de uma possível ascensão social, aspectos como baixa renda familiar, idade jovem, desemprego ou trabalho informal, dependência financeira dos pais, etc., dados com os quais trabalhamos em nossa pesquisa, formam o tecido motivacional com o qual nossos jovens alunos tecem os diferentes graus de importância atribuídos às disciplinas do seu currículo escolar. Assim, a disciplina de sociologia fica relegada à uma posição de desvantagem ou de simples apreciação teórica com relação às demais disciplinas, principalmente àquelas tidas como indispensáveis para a pretendida vida profissional (JINKINGS, 2007).

No presente artigo serão discutidos os dados da pesquisa realizada em 2021 com os jovens estudantes da terceira série do ensino médio do Instituto Federal da Bahia, em Juazeiro, a fim de identificar a percepção que esses sujeitos tinham em relação à disciplina de Sociologia. Compreender o que pensam os jovens sobre a disciplina traz a importância da reflexão para o lugar que esta tem assumido nas instituições escolares, o que de certa forma está ligado ao papel que historicamente foi reservado a ela nos currículos das escolas brasileiras, em especial nas escolas técnicas. Antes da apresentação e discussão dos dados, segue uma breve reflexão sobre a histórica desvalorização da Sociologia nos currículos.

DESVALORIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO DO ENSINO DE SOCIOLOGIA

A visão valorativa negativa que permeia a mente dos jovens estudantes do ensino médio a respeito da sociologia tem raízes no quadro histórico de profissionalização compulsória da educação brasileira no século XX. A desvalorização das disciplinas de humanas, em geral, é um reflexo desse arranjo social classista. Recentemente, com a reforma do ensino médio e a desregulamentação da obrigatoriedade de uma formação em licenciatura para o ensino das matérias de humanas na rede pública, baseado na suficiência de um “notório saber” (SANTOS, 2017), o governo brasileiro pôs em efeito uma acelerada tecnicização do ensino público, baseada na defasagem do conteúdo crítico e humanizador das disciplinas de ciências humanas. No caso da reforma, teve como discurso a justificativa de que estaria oferecendo aos estudantes a opção de escolher uma formação que tivesse mais a ver com o que desejariam fazer no futuro, seja num trabalho de nível médio-técnico ou formação superior, uma falácia que reedita uma estratégia educacional fracassada dos tempos da ditadura, que, por sua vez, remonta às políticas educacionais da velha república (OLIVEIRA, 2020).

Mesmo sendo uma escola de referência, fazendo parte do projeto de Institutos federais realizado a partir do primeiro mandato no governo Lula, o IFBA de Juazeiro não é um ponto fora da curva dessa mentalidade geral tecnicista, profissionalizante, de educação instrumentalizada para o trabalho, ainda que seus docentes, diretores, etc., possam ter uma visão mais progressista a respeito da educação. E não poderia deixar de ser assim, pois problemas estruturais só podem ser resolvidos com transformações estruturais e nenhuma Instituição funciona como uma ilha isolada das lutas de classes.

Sabemos que no nosso país, ainda não temos uma educação pública de qualidade, tanto na estrutura quanto no ensino, mesmo com o sistema de cotas que serve como mecanismo para

tentar reparar essa situação e assim oferecer oportunidade também aos pretos, pardos, povos indígenas e pessoas de baixa renda de ingressar em uma Universidade pública. Com isso, precariza de forma direta não só a sociologia, mas todo o sistema educacional. Porém, a sociologia sofre de forma isolada por ser uma disciplina que não tem destaque nas provas de concursos e vestibulares, assim, não passando de duas aulas de 50 minutos para abordar assuntos relevantes da sociedade que, muitas vezes, não são ensinados por um profissional formado na área de Ciências Sociais, deixando defasada a forma com que os alunos irão receber as informações que muitas vezes não serão transmitidas através da linguagem sociológica, influenciando a visão dos mesmos sobre a disciplina, produzindo um desmerecimento pela sociologia, pela sua verdadeira incompreensão e pela importância não dada à matéria, conforme demonstrado por Kelly Mota:

Ademais, [a sociologia] ainda ocupa um lugar marginal no rol dos componentes curriculares, figurando com pouca carga horária ou tendo seus conteúdos diluídos em outras ciências humanas, ou ainda como integrante do conjunto de práticas e disciplinas da parte diversificada do currículo, o que possivelmente a impede de conquistar e solidificar seu espaço numa estrutura de ensino ainda majoritariamente disciplinar (MOTA, 2005, p.92-93).

O sistema educacional brasileiro, principalmente no ensino médio, segue as regras do interesse econômico, não à toa, aprovou-se a reforma do ensino médio em 2017, mencionada acima, no governo de Michel Temer, precarizando não só algumas disciplinas como a sociologia, mas retirando da escola a função, já mal cumprida, de emancipação através do conhecimento, tornando-a uma simples educação técnica profissionalizante, atendendo os interesses de uma educação mercadológica. O ensino público brasileiro caminha para a reprodução de uma realidade de dominação e exploração de classe, conforme ilustra Freire:

[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento (FREIRE, 1996, p. 110, grifos do original).

Vale salientar que a existência de uma educação técnica profissionalizante não seria o problema, especialmente diante do quadro de baixa formação qualificada da maior parte da população brasileira. O problema, na verdade, é a exclusão, desvalorização e a não obrigatoriedade das Ciências Humanas no currículo escolar, colaborando para que os estudantes não tenham acesso ao passado, não pensem sobre o presente e muito menos possam operar na

transformação do futuro. A partir desse cenário de mudanças, serão apresentados os dados da pesquisa realizada junto aos estudantes, ocasião em que estes se encontravam em ensino remoto devido à pandemia a partir da Covid-19.

PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES DO IFBA

A pesquisa foi realizada com estudantes da terceira série do ensino médio do IFBA em Juazeiro-BA, durante as atividades que ocorreram pelo Programa Institucional de bolsa de iniciação à docência - PIBID em Sociologia. Foi aplicado um questionário pelo *google forms* contendo cerca de 20 questões, em sua maioria fechadas. Por estarmos na época da pesquisa em contexto de aulas remotas, esse questionário foi enviado por meio de grupos de *WhatsApp* da escola, através dos bolsistas do PIBID Sociologia. Vale salientar que essa pesquisa tem uma baixa amostragem, portanto não é um retrato preciso, estatisticamente, do corpo geral de discentes da instituição. Como não poderia deixar de ser, temos que nos limitar ao pequeno corpo de estudantes que respondeu ao questionário, no caso 28 estudantes de um total de 66. Assim, essa pequena amostra, apesar de não poder demonstrar reflexões sobre a universalidade dos estudantes da instituição, através dela, podemos exibir uma particularidade, a partir da qual, algumas conclusões podem ser traçadas.

Dos 66 alunos matriculados nas atividades remotas do ano de 2021, 28 responderam ao questionário. Desses alunos, 71,4% são do gênero feminino e 28,6% masculino, com idade entre 16 e 22 anos, ou seja, faixa etária distinta do que preconiza os documentos em relação ao ensino médio, “o que faz com que a formação em nível médio também coincida com outros períodos da juventude ou até mesmo com a vida adulta” (WELLER, 2014, p. 136).

Ainda sobre o perfil desses jovens, 64,3% autodeclararam-se pardos, pretos 17,9% e brancos 17,9%. Quanto ao estado civil, 100% respondeu que são solteiros. Quanto ao trabalho, 82,1% não trabalham e 17,9% trabalham informalmente. Sobre moradia, ainda moram com os pais e irmãos, sendo destes, 10,7% de família composta por 2 pessoas, 21,4% por 3 pessoas, 3,6% por 4 pessoas, 21,4% por 6 pessoas e 3,7% por 7 pessoas. Sobre os auxílios financeiros, 85% recebem auxílio estudantil, 50% destes recebem o auxílio moradia e o auxílio emergencial, 20,8% apenas o auxílio digital e 29,2% apenas o auxílio emergencial. Esses dados justificam o fato de que 60,7% declararam ter a renda familiar mensal de até um salário mínimo, 28,6% entre 1 e 2 salários mínimos e 10,75% acima de 2 salários mínimos, sendo essa condição financeira uma realidade de muitos jovens brasileiros, como afirmam Dayrell e Carrano (2014,

p.114) “um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro”.

Apesar dos dados sobre a renda familiar e os auxílios financeiros retratarem a realidade de classe média baixa, 96% dos que participaram da pesquisa declararam que tem celular, 46% tem computador ou notebook e 21,4% tem tablet e por esse motivo assistiram as aulas no período remoto em sua maioria pelo celular, 53,6%, 35,7% pelo computador ou notebook e 10,7% pelo tablet. A partir desses dados sobre o perfil dos jovens que participaram da pesquisa, uma breve discussão sobre a percepção em relação à disciplina de Sociologia será apresentada a seguir.

PERCEPÇÃO DOS JOVENS A RESPEITO DA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA

No tocante à análise dos dados levantados acerca do perfil dos alunos, utilizamos de uma amostra representativa que por sua vez revelou o que nos parecia óbvio desde a etapa de formulação das hipóteses que antecedeu a presente pesquisa, mas que deveriam, é claro, ser verificadas empiricamente: a subordinação da educação aos valores mercantis e capitalistas. Uma concepção de mundo baseada numa sociedade mercantil sob cuja égide teórica os sentimentos, as ações, as visões de mundo e perspectivas, bem como a postura adotada pelo corpo discente frente aos postulados epistemológicos da disciplina de sociologia no Ensino Médio do IFBA sofreu significativa e deletéria influência, principalmente quanto ao futuro profissional pretendido por jovens pobres de baixa renda familiar mensal (60,7%), solteiros (100%), que em sua grande maioria estão desempregados (82%), ou não possuem emprego formal (17,9%), tendo como recurso financeiro algum tipo de auxílio estudantil (85,7%), e que ainda moram na casa da sua família (100%).

Constatamos que, embora 67,9% declarem gostar em sua maioria da disciplina de sociologia, pelos mais variados motivos e 71,4% destaquem uma grande importância da disciplina para sua formação profissional, defendam a obrigatoriedade da disciplina para todo o Ensino Médio (42%), e aleguem, ainda, ter a disciplina contribuído para sua formação pedagógica, contraditoriamente apenas uma pequena parcela dos alunos pesquisados (10%), relacionam a disciplina a seus interesses profissionais ulteriores. A sociologia é considerada mais teórica para 57,1% dos respondentes e complexa para 25%, frente às demais disciplinas estudadas no currículo escolar.

Diante do exposto acima pelos dados, é inegável que “[...] os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estejam intimamente ligados” (MÉSZÁROS, 2008, p. 25), e que,

[...] a forma como se organiza o poder também se relaciona diretamente com a organização do ensino, em princípio porque o legislador é sempre o representante dos interesses políticos da camada da facção responsável por sua eleição ou nomeação, e atua, naquela organização, segundo esses interesses ou segundo os valores da camada que ele representa (ROMANELLI, 2014, p.14).

Dos alunos entrevistados, 67,9% declararam gostar da disciplina de sociologia, dos quais, 20% disseram se identificar com o conteúdo; 35% afirmaram gostar da professora; 10% disseram que tem a ver com a profissão que querem e 55% informaram que a disciplina provoca curiosidade. Esse último dado mostra que a Sociologia como disciplina que se propõe desnaturalizar e desenvolver o senso crítico tem gerado isso nos jovens, ratificando o que os defensores da Sociologia no currículo do ensino médio preconizam. Esse último dado é reforçado por 71,4% dos entrevistados, quando responderam que a disciplina de sociologia é importante para a formação do jovem no ensino médio. Em relação à perspectiva após a conclusão do ensino médio no IFBA, 71,4% pretendem conseguir um bom emprego e ingressar na faculdade, 21,4% ingressar na faculdade e 7,1% conseguir um bom emprego, questões próprias dessa fase da juventude em que as perspectivas de futuro passam a permear o imaginário juvenil (WELLER, 2014; CORROCHANO, 2014).

Quando tratamos sobre jovens do ensino médio, não podemos deixar de falar do termo “juventude”. O termo juventude não pode ser considerado como uma etapa depois da infância e como uma transição para fase adulta, como relata Juarez Dayrell e Paulo Carrano:

Consideramos que a categoria juventude é parte de um processo de crescimento totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Isso significa entender a juventude mais amplamente e não como uma etapa com um fim predeterminado e muito menos como um momento de preparação que será superado quando se entrar na vida adulta. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 111).

Isso significa que há vários fatores que caracterizam o sentido da palavra juventude, que não está ligada à faixa etária e, sim, as conquistas, realizações e maturidade, onde tais características podem sofrer oscilações, rupturas e continuidades, devido à realidade em que o indivíduo está inserido, que, às vezes, se torna um impasse, impelindo o jovem de comunidade

periférica a tomar decisões por questões de necessidade e, na pior das hipóteses, deixando-o à margem da sociedade. Então conclui-se que o conceito de juventude no Brasil, por exemplo, é diferente dos outros países mais desenvolvidos.

Para a psicologia social, no desenvolvimento humano, o que define o grupo da juventude são “[...] expectativas a serem alcançadas na infância, juventude e na vida adulta [...]” (WELLER, 2014) que são: o papel profissional; o da constituição de família; a participação cultural e no consumo e os valores cidadãos e participação política. Mas antes dessas realizações e conquistas, os jovens, ainda no ensino médio, são obrigados ou orientados a pensar sobre o seu futuro, desempenhando, a escola, juntamente com a família, a função de estimular e de aguçar as projeções de futuro que posteriormente venham a se desenvolver. Essas projeções do futuro estão relacionadas à preparação e à inserção dos seus filhos no mercado de trabalho.

O problema é que essa visão de mercado acaba oprimindo as habilidades, desejos e aptidões dos jovens, fazendo que eles contrariem suas próprias vontades, ao escolher o caminho que seus pais e sua escola orientam. Como nos diz Wivian Weller, “a escola de Ensino Médio tem dedicado mais atenção ao desenvolvimento de projetos profissionais dos jovens do que propriamente aos projetos de vida que buscam atribuir sentido à biografia como um todo” (WELLER, 2014, p.141).

Essa pressão para que os jovens sejam admitidos após o término do ensino médio tem muitas vezes o objetivo, também, de trazer o retorno financeiro a depender da condição e necessidades materiais da classe à qual este jovem pertence. Ou seja, ele pode seguir para o mercado informal, se especializar em cursos profissionalizantes, obter uma formação superior ou buscar um emprego a fim de custear a graduação que deseja e que tenha uma rentabilidade considerável de acordo com as expectativas dos pais e da sociedade em que vive, pois “[a] universidade pública parece estar aquém das possibilidades, fazendo com que o jovem direcione seus esforços para a conquista de um ‘empregão’ que possibilite o financiamento do curso desejado.” (Ibid.).

Nesta situação, a Sociologia, as Ciências Humanas e os cursos de licenciatura são vistos como uma má escolha pela sociedade, conduzindo os jovens para que sigam outros caminhos como referido acima, o que pode explicar a contradição vista na pesquisa feita com os estudantes do IFBA - Juazeiro, onde, apesar de gostarem, se identificarem, terem curiosidade e acharem importante a disciplina sociologia na formação do ensino médio, não veem uma formação na área como uma possibilidade para o futuro.

Como já mencionado ao longo do artigo, os alunos podem ser prejudicados pela falta de professores da disciplina de sociologia formados na área, visto que apenas estes poderiam lecionar os conteúdos de acordo com a metodologia sociológica, uma falha que causaria um distanciamento dos alunos e sua conseqüente desvalorização da disciplina. Neste caso, um professor formado em outra área não será fiel aos conceitos abordados, fazendo uma abordagem subjetiva, pautada no conhecimento adquirido durante a vida ou, na melhor das hipóteses, uma abordagem externa dos objetos sociológicos a partir da epistemologia natural à sua formação, ou seja, um historiador irá abordar objetos sociológicos de forma histórica, um filósofo irá abordar esses mesmos objetos de forma filosófica, etc., podendo ser interessante num plano de ensino multidisciplinar, mas que não é adequado a uma abordagem disciplinar rigorosa.

Como conseqüência, uma percepção equivocada dos alunos sobre a disciplina de sociologia e a falta de identificação com esta, pode ser produzida. Mas este não é o caso dos alunos do IFBA, de acordo com os dados da pesquisa e pelo fato de a Instituição contar com uma professora de sociologia que é, de fato, socióloga.

Os professores de sociologia estão munidos de um arsenal categorial e metodológico mais adequado ao estudo da esfera social, assim como de uma experiência de campo com as diversas realidades sociais do país, o que os aproxima da compreensão da linguagem dos jovens da periferia, por exemplo, que muitas vezes não são compreendidos pela sociedade e pela escola, fazendo com que busquem outras maneiras de se manifestarem e serem ouvidos, através das músicas, danças, vestimentas, tatuagens e esportes, por não possuírem oportunidades e não terem acesso ao mercado cultural da elite, conforme observado por Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2014, p.115):

[...] assistimos, no Brasil, a uma nova forma de visibilidade dos jovens em que a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada por eles e elas como forma de comunicação, expressas nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade.

Então, é imprescindível a existência do professor de sociologia na escola, para ouvir e enfrentar problemas comuns à educação pública como, por exemplo, a evasão escolar. Sabemos, no entanto, que o professor de sociologia não é um “super-herói”, e que a sociologia não é uma panaceia para resolver os problemas da sociedade, mas é parte importante do corpo educativo que, juntamente com os demais profissionais da educação, devem resolver os dilemas enfrentados nas escolas públicas brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É consenso social que o papel da sociologia nas escolas é de ensinar aos jovens do ensino médio a refletir sobre o senso comum e de incentivar o senso crítico, fazer com que conheçam seus direitos e deveres e se tornarem cidadãos. Mas não é foco no nosso país que a educação seja emancipadora, transformadora, porque, se assim fosse, a Sociologia e a Filosofia teriam mais importância na formação dos estudantes.

Portanto, trazer a percepção do estudante sobre a Sociologia é fundamental, principalmente pela importância da disciplina para a formação humana e para o desenvolvimento do senso crítico dos sujeitos. Em um cenário de intermitências e desvalorização da área por parte das políticas educacionais, em especial com as mudanças no currículo com a BNCC, a compreensão dos jovens sobre a Sociologia contribuirá para o fazer docente no contexto escolar, bem como para os avanços dessa disciplina no currículo brasileiro. Mesmo que o trabalho aqui represente um contexto e uma época em específico, o que os dados mostram é a necessidade de dar espaço às problematizações a partir da Sociologia.

Vale salientar que o número de sujeitos que participaram da pesquisa não representa um quantitativo expressivo de estudantes do IFBA, trazendo a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada e dando conta de questões mais amplas em relação ao ensino de Sociologia já que em seu histórico e nas mais recentes mudanças ocorridas com a BNCC no ensino médio trouxe um espaço tímido a essa disciplina nos currículos das escolas de Juazeiro-BA, trazendo para os pesquisadores da área a necessidade de mais estudos.

REFERÊNCIAS

BRUNETTA, Antônio Alberto; AMARAL, Leticia Hummel. Potencialidades do ensino de sociologia para o desenvolvimento da formação profissional em cursos de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (ufsc). **Revista desenvolvimento, fronteiras e cidadania**. v. 1, n. 1, p. 56-79, jul. 2017.

CORROCHANO, Maria Clara. Jovens no Ensino Médio: qual o lugar do trabalho? In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo e MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este jovem que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo e MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Moraes, 1980.

GUELFY, Wanirley Pedroso. A Sociologia como disciplina escolar no Ensino Secundário brasileiro (1925-1942). 2001. 194f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

GUERINO, Mariana de Fátima; NUNES, Marcela de Oliveira. A perspectiva docente sobre as Ciências Sociais no ensino médio integrado. **Revista Em Debate (UFSC)**, Florianópolis, v. 13, p. 52-74, 2015.

JINKINGS, N.. Ensino de sociologia: particularidades e desafios contemporâneos. **Mediações**, Londrina, v. 12, n. 1, P. 113-130, 2007.

LOBATO, Luana de Melo e OLIVEIRA, Daniel Carlos Santos. O surgimento da sociologia no brasil: um estudo sobre obstáculos e as contribuições de Florestan Fernandes, **Revista Alteridade**. v. 1, n. 2, 2018.

MARTINS, Carlos Benedito C.O Ensino Superior Brasileiro nos anos 90. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14 n. 1, p. 41-60, 2000.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORAES, Amaury César. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social - USP**. São Paulo. 2003.

MOURA, Dante Henrique. Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Holos**, v. 23, n. 2, p. 4-30, 2007.

MOTA, Kelly Cristine Corrêa da Silva. Os lugares da sociologia na formação de estudantes no ensino médio: as perspectivas de professores. **Revista brasileira de educação**, mai.-ago. 2005.

OLIVEIRA, Amurabi. Em que a Sociologia pode contribuir para a Educação Profissional e Tecnológica? **Holos**. Alagoas. 2013.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia de. Entre liberais e tecnicistas: a didática nas reformas do ensino. **Educ. rev.** v. 36 Belo Horizonte, 2020.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Ileizi L. F. A Sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez, 2007.

TRÓPIA, Patrícia Vieira. 16. Encontro Nacional da ABET3 a 6/9/2018, UFBA, Salvador (BA). GT08 -Trabalho e Educação. Universidade Federal de Uberlândia. 2019.

Weller, Vivian. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo e MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.